



# Universidade Estadual de Londrina

---

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE  
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

## TORCIDAS ORGANIZADAS E A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

---

LONDRINA – PARANÁ

2009

**THIAGO SILVA**

**TORCIDAS ORGANIZADAS E A VIOLÊNCIA NO  
FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física do Centro de Educação Física e Esporte da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para sua conclusão.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Ms. Écliton dos Santos Pimentel (Orientador)  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Esp. Anísio Calciolari Junior  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Esp. Allan James de Castro Bussmann  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Ms. Écliton dos Santos Pimentel, que contribui em todas as etapas para que esse trabalho fosse realizado.

A minha família e amigos q sempre me apoiaram nessa fase da minha vida.

E principalmente ao meu amigo Diego Luiz Braganholo que sempre me apoiou e me deu forças em todos os momentos que esteve presente em minha vida, 8 anos de amizade, e sei que ele está lá em cima olhando por mim.

SILVA, Thiago. **TORCIDAS ORGANIZADAS E A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL.** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Bacharelado em Educação Física. Centro de Educação Física e Esporte. Universidade Estadual de Londrina, 2008.

## RESUMO

As torcidas no futebol surgiram a muito tempo, foram crescendo e evoluindo com o passar dos anos, criando hinos, bandeiras e faixas. Não passavam de formas alegres de manifestações, mas foram crescendo de uma forma acelerada e foram se transformando nas torcidas organizadas de hoje em dia que se manifestam através de confrontos armados com as outras torcidas muitas vezes apenas pelo prazer do enfrentamento e nada a ver com o espetáculo do futebol. Essa pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de evidenciar os aspectos históricos e sociais que envolvem as torcidas organizadas e a violência no futebol desde o início das torcidas no Brasil e o surgimento da violência nesse meio até a violência das torcidas dos dias atuais e a visão dos dirigentes e autoridades. Este estudo apontará questões históricas, sociais e culturais com relação às torcidas organizadas e a violência no futebol através de pesquisa bibliográfica, utilizando alguns trabalhos e autores pois não seria possível nessa pesquisa abordar todos eles. A seguir encontra-se a revisão bibliográfica sobre a visão de alguns autores a respeito da violência das torcidas organizadas no futebol em quatro capítulos, além dessa introdução. O primeiro faz um levantamento sobre o surgimento das torcidas organizadas no Brasil (origem, evolução, etc). O segundo capítulo traz o início da violência no meio das organizadas. O terceiro capítulo aborda essa violência das torcidas nos dias de hoje. O quarto capítulo apresenta a visão das autoridades e dirigentes acerca da representação social da violência entre torcidas organizadas.

**Palavras-chave:** futebol, torcidas organizadas, violência, prazer

## ABSTRACT

The fans came in soccer a long time, been growing and evolving over the years, creating anthems, flags and banners. Forms were only happy events, but were growing at an accelerated form and were growing into the cheerleaders of today that are manifested in armed clashes with other fans often just for the sake of confrontation and nothing to do with the spectacle of soccer. This research was conducted with a view to highlighting the historical and social aspects involving the cheerleaders and soccer violence since the beginning of the fans in Brazil and the rise of violence in this way until the violence of the fans of today and the vision of leaders and authorities. This study will point to historical, social and cultural relationship with the cheerleaders and soccer hooliganism, through a literature review, using some works and authors they would not be possible in this research address them all. The following is a literature review on the view of some authors about the violence of soccer fans organized into four chapters, besides this introduction. The first is a survey on the emergence of organized supporters in Brazil (origin, evolution, etc.). The second chapter brings the beginning of violence in the package. The third chapter discusses the violence of the fans today. The fourth chapter presents the vision of the authorities and leaders about the social representation of violence among cheerleaders.

**Keywords:** soccer, cheerleaders, violence, pleasure.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	06
2	<b>METODOLOGIA</b> .....	07
3	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	08
3.1	Surgimento das Torcidas Organizadas no Brasil.....	08
3.2	O Surgimento da Violência nas Torcidas Organizadas.....	11
3.3	A Violência nas Torcidas nos Dias de Hoje.....	13
3.4	Visão das Autoridades e Dirigentes.....	15
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	17
5	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	18

## 1. INTRODUÇÃO

A origem do futebol no Brasil não é vista com unanimidade por parte de estudiosos e pesquisadores. O “Jogo de bola” foi proibido em 1746, em São Paulo, por uma Lei da Câmara Municipal, que o via como causador de desordem e agrupamento de vadios. A rua onde acontecia o “Jogo de Bola” era conhecida como “Rua do Jogo de Bola”, sendo depois conhecida como Rua Benjamim Cosntant (CORREIA SOBRINHO,; CÉSAR, 2008).

Mas, tornou-se convencional, ser atribuído o surgimento do futebol a Charles Miller. Brasileiro, descendente de ingleses e educado na *Banister Court School*, em *Southampton*, na Inglaterra, conhecedor das regras do esporte, teria trazido o futebol para o Brasil no ano de 1894 (CORREIA SOBRINHO,; CÉSAR, 2008).

Em 1897, um imigrante alemão, de nome Hans Nobiling, reforçou a implantação do futebol no Brasil, formando o *Nobilig team* que, ao desaparecer, levou à fundação do *Sport Club Internacional de Porto Alegre*, em 1899 (CORREIA SOBRINHO,; CÉSAR, 2008).

Um ano antes da fundação do *Sport Club Internacional*, foi fundada a *Associação Atlética Mackenzie* em 1898, e, a partir daí, o esporte passou a se difundir pelo país sendo jogado pelas classes sociais mais abastadas, devido ao alto custo dos uniformes, bolas e equipamentos que eram importados (CORREIA SOBRINHO,; CÉSAR, 2008).

Na maioria dos esportes existem os torcedores e no futebol não deixa de ser diferente. Antes da Segunda Guerra Mundial, os jovens iam tradicionalmente aos jogos acompanhados pelos pais, tios ou irmãos mais velhos, ou por vários grupos etários de sua vizinhança e, assim, o seu comportamento era prioritariamente sujeito a um controle. Depois de 1960, os jovens começaram a assistir a jogos com rapazes da mesma idade, perdendo-se este mecanismo autorregulador (Reis, 2003).

Alguns elementos contribuíram para esse processo: a expansão do mercado de tempos livres especificamente voltado a jovens, a vontade destes em se deslocarem regularmente aos jogos fora de casa, o colapso do mercado de trabalho para jovens, as mudanças operadas na estrutura do futebol nos últimos trinta anos em consequência da intervenção cada vez mais acentuada do dinheiro, as tentativas de cooptação dos membros das torcidas pelos dirigentes dos clubes, o tipo de

comportamento e a sensibilidade dos adeptos dos clubes em relação à própria violência e o significado que ela possui para eles, bem como o advento da televisão e o aparecimento de uma imprensa que evidencia o valor da notícia orientado por critérios comerciais (Reis,2003; Pimenta,1999).

A partir daí, pela tradição que foi se consolidando, as torcidas organizadas foram atraindo um grupo de jovens que não mais eram seduzidos pelo futebol, ou só por ele, mas pelos acontecimentos que ele lhes proporcionava. Hoje em dia esse indivíduo não é torcedor do clube, mas sim membro da torcida e, em seu nome, são promovidas verdadeiras guerras em praça pública (MURPHY et al., 1994).

Estas torcidas organizadas de futebol costumam ser associadas nos dias de hoje a *ganges juvenis*. As imagens e as interpretações veiculadas nos meios de comunicação enfatizam a transgressão e a agressividade deliberada como características centrais desses agrupamentos. Quais seriam as razões e os motivos que levaria um grupo de jovens a agir com tanta agressividade e violência, tendo em vista estarem essas pessoas ligadas por um acontecimento de alegria, emoção e prazer?Que ideologia sustenta esses agrupamentos de torcedores que sistematicamente praticam atos de violência? (ASSIS, 2008).

O psicólogo britânico William McDougall (1912), que formulou, no início do século XX, a chamada hipótese da mentalidade de grupo, considerava que todos aqueles que se juntam a uma multidão abrem mão de sua identidade em favor de uma “alma coletiva”.

## **2. METODOLOGIA**

A metodologia deste estudo baseou-se em uma pesquisa bibliográfica a respeito das torcidas organizadas e a violência no futebol. Pesquisa bibliográfica consiste no exame da literatura científica, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado tema.

“Não é mera repetição do que já foi escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI ; LAKATOS, 2003, p.183).

O levantamento bibliográfico consiste basicamente na recuperação dos dados impressos (“de papel”) ou dos arquivos eletrônicos (“bits de informação”). Tais



dados podem ser obtidos tanto em bibliotecas físicas ou virtuais, como é o caso da própria Internet, com suas listas de discussão, acesso online direto à literatura científica, correio eletrônico, listas de discussão, etc. Da mesma maneira com que devemos nos familiarizar com os mecanismos de busca de informações nas bibliotecas físicas, devemos também saber como “procurar” informações nos computadores.

O levantamento bibliográfico não deve ser uma atividade puramente mecânica, com o “empilhamento” exaustivo de todos os livros e artigos a respeito de um assunto. Nem sempre é possível ou conveniente fazer levantamentos exaustivos da literatura sobre um determinado assunto, ainda mais se este tema for excessivamente amplo e genérico. Nossos levantamentos devem ser seletivos e uma primeira maneira de torná-los seletivos é através da demarcação precisa de nossos problemas de pesquisa. Devemos fazer, desde as primeiras etapas da pesquisa, uma avaliação crítica deste material, rejeitando aquelas informações que são claramente inadequadas, mal produzidas ou redundantes.

### **3. REVISÃO DA LITERATURA**

#### **3.1 O Surgimento das Torcidas Organizadas no Brasil**

Com o aparecimento do futebol no Brasil surgiram também as manifestações torcedoras.

A primeira forma dessa manifestação, por exemplo, é denominada, por alguns pesquisadores, de torcidas voluntárias. Torcidas que, no início da nossa história do futebol, se reuniam única e exclusivamente em conseqüência dos jogos e tinham como elemento unificado a paixão, ou a simpatia, que nutriam por um ou por outro clube (CORREIA SOBRINHO: 1997, p. 02).

Nesse momento, os laços de identidade e de solidariedade ficariam restritos ao espaço de duração dos jogos, podendo ser revividos em momentos do cotidiano desses torcedores, como em bares e rodas de amigos. E a rivalidade se daria mais em oposição, propiciada com o início da industrialização brasileira em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, entre o nativo e o estrangeiro que, nesse contexto,

passavam a disputar um mercado de trabalho em formação (CORREIA SOBRINHO,; CÉSAR, 2008).

Novas formas torcedoras, segundo TOLEDO (1996), surgiram nos anos 1940. Devido à sua estrutura, essas torcidas possibilitavam a continuidade da identidade e dos sentimentos de unidade vivenciados pelos apaixonados do futebol e que antes se restringiam quase que exclusivamente aos momentos dos jogos. E isso é possibilitado com a fundação, em 1940, da *Torcida Uniformizada do São Paulo F.C*, pelos chamados torcedores símbolo Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel e, em 1942, no Rio de Janeiro, com a fundação da *Charanga do Flamengo* por Jaime Rodrigues de Carvalho (CORREIA SOBRINHO,; CÉSAR, 2008).

No Rio de Janeiro, a charanga do *Flamengo* tocava marchinhas carnavalescas, promovendo verdadeiras festas nos estádios. A festa era maravilhosa nas arquibancadas, com serpentinas e confetes. Este tipo de manifestação proliferou país afora, não sendo exclusividade de grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, mas também em outros centros urbanos. (ASSIS, 2008).

De acordo com TOLEDO (1996), essas torcidas tinham uma estrutura básica de organização, com o comando de uma só pessoa, conhecida como “o chefe de torcida”, que agrupava em torno de si dezenas de simpatizantes, sendo as mesmas vinculadas aos clubes através de políticos, dirigentes ou funcionários.

Na cidade de São Paulo, surgiam em 1969 o Grêmio Gaviões da Fiel e a Torcida Jovem do Santos; em 1970, a Torcida Uniformizada do Palmeiras e, em 1972, a Torcida Independente do São Paulo. Todas emergiam com a aspiração de uma maior autonomia frente às diretorias dos clubes. Tornavam-se autarquias, livres das peias clubísticas, com regimentos próprios e com liberdade para o protesto em ocasiões de crise da equipe. No decorrer da década de 1970, centenas de pequenas e médias associações torcedoras espocavam em vários pontos do país. Estas agremiações juvenis eram cada vez mais estruturadas à revelia dos clubes e dos meios de comunicação, que iam perdendo de maneira progressiva o controle e a capacidade de intervenção sobre elas (HOLLANDA, 2004).

Esse processo se estendeu até 1983, quando em São Paulo nasce a Mancha Verde, torcida criada com a fusão de três pequenas torcidas do Palmeiras, a Império Verde, a Inferno Verde e a Grêmio Alviverde. A Mancha Verde tinha o

propósito explícito de autodefesa e de enfrentamento com as torcidas dos times adversários. Embora o ano de 1983 seja marcado pela fundação de uma torcida vinculada de forma direta à imagem da violência, ele é o ano também de criação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (ASTORJ), fruto de uma tentativa de maior entrosamento e de uma abertura para o diálogo entre os representantes das torcidas de times rivais. Este movimento foi desencadeado pelos líderes das principais torcidas do Rio de Janeiro do período: Cláudio Cruz e Roberto Branco, da Raça Rubro-Negra; Ely Mendes, da Força Jovem do Vasco; Niltinho, da Torcida Jovem do Flamengo; Seu Armando, da Young-Flu; Russão, da Torcida Folgada do Botafogo, entre outros (HOLLANDA, 2004).

Para DIAFÉRIA (1992), os integrantes da

“Gaviões da Fiel” foram os primeiros que realmente se organizaram, com o propósito de ajudar seu clube (Sport Club Corinthians). Sua história começa no dia 01 de julho de 1969, data em que o clube estava, mais uma vez, fora da disputa do título (p.214).

Essa nova torcida se caracteriza por apresentar seus componentes de forma impessoal. Não são centrados na figura de uma só pessoa, como as anteriores, burocratizadas na sua estrutura organizacional, estatuídas, com presidente eleito para um período determinado, conselho deliberativo, diretoria e sócios, constituindo-se como uma empresa privada, sem fins lucrativos (CORREIA SOBRINHO,; CÉSAR, 2008).

Essas primeiras torcidas organizadas surgiram no fim dos anos sessenta e início dos anos setenta. Era um momento em que o país crescia em desenvolvimento econômico de suas cidades e estados, o conflito entre os poderes econômico e social interferiu na construção dos espaços urbanos e na identidade social dos jovens que para sua auto afirmação necessitavam do prazer da disputa e de uma forma de violência para prevalecerem diante de um outro grupo (PIMENTA, 2000).

Com o advento das torcidas, a categoria espectador de futebol se divide, então, em comum e torcedor organizado. Comum é aquele que vai ao estádio de vez em quando, que assiste aos jogos pela televisão; torce para uma determinada agremiação, sem se vincular, associativamente, a um grupo de pessoas. O torcedor

é o seguidor, é o que tem sentimentos, que se emociona, que sofre; é aquele que se associa a um determinado grupo assimilando os padrões de comportamentos cultuados (Romero, 1997).

Esses torcedores executam verdadeiros rituais antes, durante e depois das partidas de futebol. Bandeiras, músicas, coreografias e fogos de artifício são algumas das manifestações que ritualizam e embelezam o espetáculo esportivo. Existe um folclore próprio das torcidas de futebol, folclore este que representa as características culturais locais (Bromberger, 1995).

### **3.2 O Surgimento da Violência nas Torcidas Organizadas**

Segundo Geron (1993), em primeiro lugar, apenas o lenço branco expressava a adesão da torcida à camisa; vieram depois bandeira, apito, corneta, pó-de-arroz, papel picado e até fumaça colorida. A cada gol que surgia, a resposta da torcida vinha de forma impecável. Alegres e brincalhonas, as torcidas foram-se envolvendo em confrontos armados entre as massas de torcedores e, a partir dos anos 60, surge nas arquibancadas uma nova categoria de torcedor; aquele que transforma o espetáculo do futebol em cenas de violência.

Os torcedores não são meros espectadores passivos, como nos afirma BARROS (1999), eles formam grupos, cobram mensalidades, vendem camisetas, chaveiros, flâmulas, e tudo que pode trazer dinheiro, uma atividade que virou também um comércio e, como todo comércio, para ser rentável, precisa de uma propaganda positiva, por isso existe o suposto papel social defendido pelos dirigentes de torcidas organizadas, quando alegam que em vários momentos, nas periferias dos grandes centros urbanos, são essas torcidas organizadas que promovem o lazer, se engajam em campanhas filantrópicas e garantem a assistência médica.

Na verdade, a partir do momento em que se constituem em empresa, acompanhando a evolução que teria ocorrido com os clubes, as torcidas teriam obtido um grau maior de autonomia em relação àqueles, ampliando seu espaço de atuação, trazendo, para o dia-a-dia, uma rivalidade antes vista exclusivamente nos campos de futebol (CORREIA SOBRINHO, 1997).

E como toda organização que se preza, as torcidas se utilizam de um *marketing* para divulgar seus produtos e, nesse caso, despontar como temidas e violentas, podendo isso ser uma forma de cada vez mais atrair para seu interior um mercado consumidor, constituído, na sua maioria, por jovens que buscam não só segurança e algo no que acreditar, mas identidade e visibilidade social. Um público consumidor não só de um produto “Mancha” ou “Gaviões” etc., expresso nos uniformes, bonés, camisetas, mas também do lúdico e todo imaginário construído pelo grupo. (CORREIA SOBRINHO,; CÉSAR, 2008).

As torcidas, à medida que ganharam autonomia em relação aos clubes, tomaram para si e (re)significaram não só as cores, mas todos os símbolos que caracterizavam os respectivos clubes. São elas, hoje, o elemento proporcionador da identidade, da unidade, do sentimento de segurança. Um integrante de uma torcida organizada não diz “*sou torcedor de tal clube*”; ele diz sou membro de “*tal organizada que torce por tal clube*”, e por essa torcida ele é capaz de varias atrocidades, daí as ocorrências envolvendo torcedores em estações ferroviárias, ponto de ônibus, em que o vestir uma camiseta adversária já o coloca como possível vítima da agressividade de grupos rivais (CORREIA SOBRINHO, 1997).

Lüschen e Weis (1976) dividem a massa dos estádios em quatro tipos:

1 - Público fanático: é o torcedor típico, é o "louco por Esporte", ao que "a vida lhe parece insignificante em comparação com a excitação do estádio" e que "emocional, se não fisicamente..., sempre está disposto quando é chamado para assistir a uma partida".

2- Multidão cobiçosa: atua espontaneamente em uma espécie de protesto anônimo. Quando um indivíduo se encontra abandonado o pânico representa um processo de desmoralização e o protesto anônimo é uma espécie de defesa espontânea mediante a qual os indivíduos desmoralizados se protegem coletivamente dos perigos das dobras psicológicas.

3 - Massa desenfreada: a massa desenfreada (ou exaltada) aproveita qualquer oportunidade para deixar-se levar de suas fantasias e instintos. Este comportamento

que normalmente não é tolerado ou até proibido, tem como consequência, pretendida ou casual, atos de destruição ou distúrbios generalizados. A multidão desenfreada é aquela "multidão que perde o controle".

4 - Público polarizado: uma competição esportiva pode ser a oportunidade que um público polarizado ou subgrupos da população aproveitem para comportar-se violentamente. Estes subgrupos podem ser: a) o jogo se converte em cenário para a continuação ou o reatamento de uma disputa; b) os acontecimentos do jogo (ou da competição) desencadeiam lutas ou outras formas de conflito entre os grupos polarizados.

### **3.3 A Violência nas Torcidas nos Dias de Hoje**

O conflito entre os poderes econômico e social marcou a construção do espaço urbano das grandes cidades, prevalecendo o interesse do capital e, de alguma forma, esse processo interferiu, inclusive, na identidade social dos jovens que se expressam através da negação do outro (enquanto ser social), da disputa e da violência prazerosa entre os grupos rivais. O aumento dos atos de violência praticados pelo movimento de "torcidas organizadas" tem decorrência no surgimento desses "sujeitos". Estes são, predominantemente, jovens individualizados, do ponto de vista da formação de uma consciência social e coletiva (PIMENTA, 2000).

Para Reis (2006), o uso da violência como instrumento de busca no futebol pode ter crescido nas últimas décadas em decorrência do aumento de investimentos financeiros no futebol e em outros esportes de representação nacional.

No dia 20 de agosto de 1995, o Pacaembu, um dos estádios de futebol mais tradicionais de São Paulo, foi o campo de batalha entre torcedores de Palmeiras e São Paulo, durante jogo final da extinta Supercopa de Futebol júnior. O saldo da batalha foram 101 feridos e um morto: Márcio Gasparin da Silva, um adolescente de 16 anos. Desde então, ainda que pese o fato de o poder público e a polícia tentarem coibir ações de violência, mortes ocasionadas por confrontos entre torcidas rivais ainda são casos comuns entre as histórias de violência das grandes cidades

brasileiras (TERRA, redação. **Futebol tem década perdida após barbárie no Pacaembu**. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2005/interna/0,,OI635952-EI4847,00.html>>. Acesso em: 07 jun. 2009.

Por mais contraditório que possa parecer, aponta Santos (1998), são justamente os desfechos trágicos que fomentam o crescimento das organizadas. De 1990 em diante, a violência caracterizou-se como elemento constitutivo desses grupos, o que atraiu a filiação de uma massa de jovens disposta a tudo. A violência sem os limites estabelecidos pela ordem social tornou-se a nova marca registrada das organizadas, pelo menos no período da década de 1990, em que seus atos tiveram maior visibilidade na mídia em decorrência dos crimes cometidos. Pimenta diz ainda:

“ser um membro de uma torcida organizada conquista prestígio, respeito e confiança pelo uso da força, pela assiduidade e pela agressividade, á medida em que demonstra capacidade tanto de resistir aos confrontos quanto de ocupar território nas ruas e nas arquibancadas” (2004a, p.269).

Armando Nogueira, no programa “Apito Final”, da TV Bandeirantes, no dia 20 de agosto de 1995, após o acontecimento no Pacaembu, percebeu que

“(…) É com um constrangimento inimaginável. Eu estava vendo estas cenas aqui e não é o caso da gente fazer uma pergunta mais profunda, porque a paisagem humana que eu vi em campo era predominantemente de adolescentes, predominantemente de garotos e aí eu pergunto: como nos desculpar de tudo isso? O que o Brasil tem feito pela sua infância? O que o Brasil tem feito pela sua adolescência? (...) eu não tenho a menor dúvida que nós não podemos nos considerar inocentes.” (PIMENTA: 2000, p. 123/124)

Essa necessidade de auto-afirmação desse individuo faz com que ele busque esses grupos para que ele sinta que faz parte de algo importante. No grupo ele expressa sua masculinidade, seus sentimentos de solidariedade, de companheirismo e de pertencimento em um grupo que o acolhe (PIMENTA, 2000).

A arquibancada é apenas o espaço institucionalizado no qual, para Pimenta (2004), os jovens sentem poder expressar sensações de pertencimento e de acolhida em um agrupamento estruturado nas mesmas bases estabelecidas em

determinadas relações existentes no interior da própria sociedade: hierarquia, controle, disciplina e regras de conduta. Assim, nesse espaço, as ações individuais dos jovens tem ressonância e angariam o respeito de grupo, mesmo que transgridam a ordem social estabelecida.

Confrontos violentos entre torcidas organizadas não ocorrem ao acaso, por mera coincidência. São manifestações programadas, baseadas em estratégias militares, envolvendo táticas como: ação de batedores, linha de frente, retaguarda, caças e emboscadas; além de armamentos como: coquetel, bombas de fabricação caseira, armas de fogo, estiletes, canivetes e demais objetos capazes de gerar lesões graves seguidas de morte. Essas táticas e armamentos fazem parte do cotidiano das torcidas organizadas e são utilizadas contra o oponente sempre que os agressores julgarem necessário (ASSIS, 2008).

Vários outros incidentes configuram a trajetória de violência relacionada ao futebol e as suas torcidas, no Brasil, como se observa no Quadro 1.

Quadro 1: Dados numéricos sobre violência em eventos futebolísticos no Brasil (1992-2008)

<b><u>Região</u></b>	<b><u>Estado</u></b>	<b><u>Resultado da violência</u></b>
<i>Sudeste</i>	<i>São Paulo</i>	<i>21 mortos</i>
	<i>Rio de Janeiro</i>	<i>5 mortos</i>
	<i>Minas Gerais</i>	<i>3 mortos</i>
<i>Sul</i>	<i>Rio Grande do Sul</i>	<i>4 mortos</i>
	<i>Santa Catarina</i>	<i>1 morto</i>
<i>Nordeste</i>	<i>Ceará</i>	<i>3 mortos</i>
<i>Norte</i>	<i>Pará</i>	<i>1 morto</i>

**Fonte:** (FIGUEIREDO CARNEIRO,; BATISTA 2008)



### 3.4 Visão das Autoridades e Dirigentes e “Organizados”

A violência, via de regra, é o elemento aglutinador e constitutivo dos agrupamentos de torcedores. Nota-se que, no entendimento dessa modalidade de violência, aos olhos tanto dos “torcedores” quanto das “autoridades esportivas” os argumentos explicativos permanecem no eixo do econômico e da classe social, como determinantes (PIMENTA, 2000)

Segundo as autoridades o fator socioeconômico é o grande responsável pelos atos de terror e violência impostos por esses “torcedores”. O Promotor Público, Fernando Capez (1996:49), designado para mover ações públicas contra a legalidade das “torcidas organizadas”, mostrou que

(...) o recrudescimento dos problemas sociais e econômicos, o considerável aumento da distância entre os segmentos sociais, o alastramento generalizado da miséria, a falta de emprego e de acesso a um sistema de educação e saúde minimamente adequados, entre tantos outros problemas, acabaram criando perigosos focos de tensão social (PIMENTA: 2000, p.124)

A partir de 1992 os confrontos entre torcidas começaram a ser constantes e com mais vítimas fatais. Com o passar do tempo as brigas entre torcidas deixaram de ser corpo a corpo, essas torcidas começaram a fazer uso de “bombas” e “armas de fogo”. Segundo Jamelão, ex-presidente dos “Gaviões da Fiel” o aumento do número de jovens que procuram essa “torcida” vem crescendo em demasia desde 1990, com a aderência de jovens com 13,14,15 e até 18 anos. Esses garotos são atraídos pelo “status”, pela vestimenta, prazer a violência, isso os fazem estarem ligados ao modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil (PIMENTA, 2000)

Para a criação dessas “organizadas” os idealizadores pensam em todos os contextos de poder, status e violência para criarem desde o símbolo, vestimentas, hinos até as regras das mesmas. Para os dirigentes, além da visão das autoridades para o aumento da violência, existem mais dois fatores que contribuem em peso para que isso ocorra, a influência da mídia e os ingredientes do próprio “jogo”. Segundo eles a imprensa em muitos casos cria fatos para que se possa vender mais, e esse aumento das torcidas deve-se em boa parte a imprensa onde influenciam o jovem que não possui nenhum ideal e esses garotos vêem aquilo

como uma oportunidade de fazer parte de algo. Se a mídia mostra um palmeirense tacando bomba em corintiano, amanhã o corintiano vai querer fazer o mesmo com o palmeirense (PIMENTA, 2000).

No próprio jogo existem os fatores que fazem com que uma torcida se infle mais, como uma marcação de um arbitro, ou de um bandeirinha, o insulto de algum técnico ou dirigente em direção as arquibancadas, qualquer detalhe pelo menor que seja faz com que enfureça e incite a violência desses “torcedores” (PIMENTA, 2000).

Marivoet (1992) explica que o controle dos chefes de torcida durante a partida é de certo modo tranquila, mas, após o jogo, esse controle não é mais eficaz. Segundo eles, a intervenção deve se dar pela polícia.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os esforços aplicados nessa pesquisa tiveram como objetivo evidenciar os aspectos sócio-culturais e o comportamento das torcidas organizadas no Brasil, e como o futebol está sendo palco para que essas torcidas organizadas se manifestem através de comportamentos agressivos e violentos, transformando assim o espetáculo do futebol em um campo de guerra, onde “torcedores” precisam mostrar que são os melhores agredindo outras torcidas para serem respeitados.

Na sociedade em que vivemos está cada vez mais evidenciado o perigo que essas torcidas trazem para a nossa realidade, hoje em dia não é mais preciso ir ao estádio pra estar exposto a tal violência, como foi o caso daquela enfermeira em Curitiba que teve alguns dos dedos de sua mão amputados por causa de uma bomba caseira jogada em um ônibus logo após a queda do coritiba para a segunda divisão do campeonato brasileiro em dezembro de 2009. Casos como este são comuns em manifestações violentas dessas torcidas, então não são só as pessoas que vão aos estádios que estão sujeitas a essas barbaridades, é toda uma sociedade que fica refém desses “torcedores”.

Devemos conscientizar a população e as autoridades para que possam identificar esses vândalos e tomarem melhores providências para que esses desfechos trágicos não ocorram, e com isso podermos sim vivenciar o espetáculo do futebol.

## 5. REFERÊNCIAS

- ASSIS, Túlia Cristina Ferraz de. **A Representação Social da Violência em Torcidas Organizadas de Futebol**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia)
- BARROS, J. M. A. **Futebol** – por que foi...por que não é mais. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.
- Bromberger, C. (1995). **Le match de football: Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin**. Paris: Maison des Sciences de l'homme.
- CORREIA SOBRINHO, José.;CÉSAR, Hermenegildo. Torcidas organizadas de Futebol: Metamorfoses de um Fenômeno de massa. **Revista eletrônica Inter-Legere**, Natal, n.03, jul/dez. 2008).
- CORREIA SOBRINHO, José. **Violência de massa no futebol**: um olhar clínico sobre o fenômeno das torcidas. Folha do Campus. Ano II, n10, p.02, set-97.
- DIAFÉRIA, L. **Coração Corinthiano**: grandes clubes do Futebol Brasileiro e seus maiores ídolos. São Paulo: fundação Nestlé de cultura, 1992. V.02, cap.63, p.314-317.
- FIGUEIREDO CARNEIRO, Henrique ; BATISTA DOS SANTOS, Márcia. A lei e a anomia nas torcidas organizadas de futebol. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Fortaleza, v.60, n.03, 2008.
- Geron, A.C. (1993). **Futebol brasileiro em debate: pisando na bola**. Rio de Janeiro: Pinheiro Assessoria de Comunicação.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A festa e a guerra: uma história social das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967- 1983)**. 2004. Dissertação (Doutorado – História Cultural) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Lüschen, G. & Weis, K. (1976). **Sociologia del deporte**. Valladolid: Editorial Miñon.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003
- Marivoet, S. (1992). **Uma perspectiva teórica do hooliganismo no futebol**. Livros Horizonte, 8 (48), 213-6.
- McDougall, W. (1912). **Psychology: the study of behavior**. New York, Henry Holt and Company.
- MURPHY, P.; WILLIAMS, J.; DUNNING, E. **O futebol no banco dos réus**: violência dos espectadores num desporto em mudança. Oeiras: Celta, 1994.

Pimenta, C.A.M. (2004). **Barbárie e Futebol**. In: J. Pinsky & C.B. Pinsky (Orgs.), *Faces do fanatismo* (p.248-261). São Paulo: Contexto.

PIMENTA, C. A. M. As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol. In: COSTA, M. R. da (Org.). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa, 1999. p. 131-145.

PIMENTA, C.A.M. **Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol**. 2000. Artigo (Doutorado em [Ciências Sociais](#)) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Reis, H. H. (2006). **Futebol e Violência**. São Paulo: Armazém do Ipê.

REIS, H. H. B. Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 85-92, jul./dez. 2003.

Romero, A. (1997). **Apuntes sobre la violencia em el fútbol argentino**. Disponível em : <http://www.efdeportes.com>. Educacion Física y Deportes, Buenos Aires, ano 2, n.8.

Santos, T.C. (1998). **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia do futebol**. Dissertação de Mestrado publicada USP/ECA, São Paulo.

TERRA, redação. **Futebol tem década perdida após barbárie no Pacaembu**. Disponível em:<<http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2005/interna/0,,OI635952-EI4847,00.html>>. Acesso em: 07 jun. 2009.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. São Paulo: Vozes, 1996.